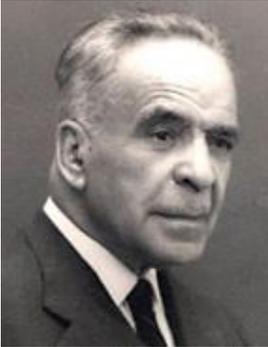


DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



CIDADE, Hernâni António (Redondo, 1887-Évora, 1975)

Acerca dos anos da formação, as melhores notícias biográficas sobre Hernâni Cidade recorrem a apontamento que o próprio esboçou a pedido de Vitorino Nemésio ou devem-se a conhecimento direto da família. Filho de um abegão que se tornou também ferreiro — “esta cidade brotou de entre a orquestra da serra e do malho” — e que tinha sensibilidade para a poesia, Hernâni, mais propenso à escola do que suficientemente forte para os trabalhos do campo ou da oficina do pai, estudou no Seminário de Évora, sentindo aí a “alegria enorme de uma grande fé”. Aluno distinto e capaz de entusiasmar com discursos de cariz pró-republicano os outros jovens eborenses de 1906, poderia ter ingressado na Universidade Gregoriana de Roma, mas, já com leituras que matizavam a sua visão do mundo, preferiu prosseguir estudos laicos.

Afastando-se da Serra de Ossa, que descreveria no segundo volume do *Guia de Portugal* (1927, pp. 89-90), matriculou-se no Curso Superior de Letras, ao mesmo tempo que trabalhava ali perto como prefeito do Colégio Calipolense. No Curso frequentou a variante que habilitava para o magistério, quando já se preparava a transição para Faculdade de Letras. Recordará com lhanza — afinal era um texto de homenagem a Teófilo Braga — terem sido precisamente as aulas daquele a quem sucederia vinte anos depois as menos interessantes: “todos lhe preferíamos o brilho expositivo de Silva Cordeiro, a ciência sólida e a observação arguta de Adolfo Coelho, a lucidez e poder de comunicação simpática de Oliveira Ramos, a eficiência didática de David Lopes, a poesia com que a bela voz de Silva Teles animava de drama a sua movimentada tectónica, até a própria clareza com que, em aulas de um quarto de hora, Queirós Veloso poupava esforço que lhe permitiria ser o futuro historiador que foi” (*Século XIX. A revolução cultural em Portugal e alguns dos seus mestres*, 1961, p. 136). Já não foi condiscípulo de Fernando Pessoa, que deixara de ir às aulas em 1907, mas ainda o viu pela biblioteca do convento de Jesus, o ouviu ler poemas de Pessanha e pôde conviver com o grupo da Brasileira do Chiado e do Martinho, onde foi bem recebido também por Sá-Carneiro e Almada. Cedo percebeu o génio de Pessoa, como se infere do seu comentário ao *Inquérito literário* promovido, em 1912, por Boavida Portugal — Cidade fora escolhido para fechar as respostas pela “carreira de destaque” como estudante de Letras, sendo esta aliás a sua primeira intervenção dada a lume (coligida em livro em 1915: pp. 268-281). Vinte e cinco anos depois seria precursor no estudo do poeta de *Mensagem* em contexto académico, ao lado de outros poetas recentes (*cfr.* “Tendências do lirismo contemporâneo. Do *Oaristos* às *Encruzilhadas de Deus*”, *Boletim de filologia*, 5, 1938, 199-228).



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Professor no Liceu Passos Manuel em regime provisório, em 1914 é já efetivo do Liceu de Leiria. Em prol da Liga dos Amigos do Castelo escreve os versos da peça em um ato *Zara (Tempos de D. Dinis)* (1916), representada em 1915, o que serve para ilustrar o “idealismo construtivo” que sempre pôs nos assuntos coletivos. Na Primeira Guerra, incorporado no Corpo Expedicionário Português, comanda com bravura e humanidade um pelotão na Flandres. Debaixo de fogo, vai à zona alemã resgatar feridos portugueses e recolhe na “terra de ninguém” ferido alemão moribundo. Condecorado com a Cruz de Guerra, feito prisioneiro na Batalha de La Lys, em 1918, aproveita para desenvolver o conhecimento da língua alemã e vai divulgando a literatura portuguesa entre estrangeiros e compatriotas. Em 1956 haveria de ser agraciado pela França com a Legião de Honra.

Regressado, em 1919 entra para o corpo docente da recém-fundada Faculdade de Letras do Porto, contratado para o grupo de Filologia Românica. Terá a seu cargo cadeiras de literatura — portuguesa, francesa, italiana — e de «linguística» — Filologia românica, Gramática comparada das línguas românicas, Filologia portuguesa. Chega a catedrático, mas a Faculdade de Letras do Porto é extinta em 1928. Até ao encerramento efetivo da mítica faculdade, ensina também no Liceu Rodrigues de Freitas. Nesta década portuense publica bastante na *Águia* e estreita laços com colegas com quem mais tarde haveria de colaborar na *História de Portugal* dita de Barcelos ou na menos ambiciosa *História de Portugal* da Lello, de cujo quarto volume se encarregou. E decerto se refletiu na maneira de conceber o ensino a proximidade entre professores e alunos marca da faculdade ideada por Leonardo Coimbra.

Em 1930 integrará o grupo de professores da Faculdade de Letras de Lisboa, apresentando-se a concurso para a cátedra com a dissertação a *A obra poética do Dr. José Anastácio da Cunha — com um estudo sobre o anglo-germanismo nos proto-românticos portugueses* (1930) e a lição, «à escolha», *Fernão Lopes é ou não o autor da “Crónica do Condestabre”?* (1931). Colabora com a *Seara Nova*, por 1934, e com Joaquim de Carvalho e Mário de Azevedo Gomes dirige o *Diário Liberal* (1934-1935). Conotado com a oposição ao Estado Novo, mesmo se não o caracterizavam as atitudes mais sonoras e se, à época, já se ia afastando da luta contra a implantação do regime, em 1935 o seu nome constaria da conhecida lista de professores a serem exonerados, valendo-lhe o ora colega germanista ora ministro germanófilo Gustavo Cordeiro Ramos, que fora seu contemporâneo em Évora. Estudantes e alguns colegas desagravam-no na *Homenagem aos Professores Mário de Azevedo Gomes, Hernâni Cidade, Joaquim de Carvalho* (1935), onde os alunos de Letras o epitetam como “o mais amado e o mais respeitado dos mestres” (p. 9).

Até à jubilação, em 1957, ensinou sobretudo História da literatura portuguesa e Estudos camonianos, mas também Filologia portuguesa, Filologia românica, Língua e literatura francesa, Literatura espanhola, Literatura italiana. Professor “integérrimo” (Nemésio, p. XVI) — um dia, pedindo-lhes desculpa, declarou aos alunos não poder prosseguir uma aula por não a ter preparado convenientemente —, tinha perspetivas pedagógicas modernas — corrigia as provas escritas com o aluno ao lado, em diálogo, com a preocupação de justificar a classificação — e acalentou assistentes que se tornaram depois decisivos nas áreas entretanto especializadas de literatura e linguística, Jacinto do Prado Coelho e Luís Lindley Cintra. Na vida da faculdade



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

moderou a truculência e o estilo impositivo de outros colegas. Para a «família românica», é o Pai Cidade, o mesmo que prefaciou o *Diário* de Sebastião da Gama.

A importância enquanto mestre decorre igualmente das centenas de conferências a que comparece, dos livros de vulgarização mas úteis a públicos sofisticados. A sua bibliografia constrói-se a partir das lições e comunicações, para que, posto que orador proficiente, prepara sempre texto escrito. Também por isso a obra de Cidade revela o depuramento e a clareza exigidos pela exposição oral, incorporando citações e pequenos trechos de escritores elegantemente, com poucos aparatos. Os pedidos a que procura corresponder levam-no a retomar assuntos mas sempre com a preocupação de melhorar a sua apresentação e ir acrescentando novidades.

Reportemo-nos aos trabalhos propriamente historiográficos. Na *História* de Barcelos, devem destacar-se as páginas sobre «Portugal na Guerra Mundial: 1914-1918» (VII, pp. 491-522). Começa por relatar, com dotes para nos prender à narrativa, o contexto europeu que precedeu a Primeira Guerra, não se coibindo de atribuir às nações intervenientes sentimentos típicos, traço que verificamos também nos ensaios de história literária. Explica como Portugal não se podia alhear do conflito; trata das indecisões quanto à não beligerância assumida e, na prática, a preparação para a guerra, deixando insinuadas a nossa bazófia, o caráter interesseiro da participação no conflito — as expetativas da futura conferência de paz —, a desorganização e até cobardia, o que vai alternando com a referência às desconsiderações que sofríamos da parte de ingleses, alemães ou franceses. Diga-se que é menos complacente com Portugal do que costuma conseguir ser nos artigos de índole literária ou cultural. Chegamos à exposição sobre a campanha na Flandres, que tem a especialidade de a sabermos escrita por um dos seus raros heróis portugueses. Não que isso seja reivindicado — a não ser numa fotografia que inclui o alferes Cidade na qualidade de um dos quatro primeiros oficiais condecorados, decerto inserida por iniciativa da direção —, embora se infira da segurança do relato, e de poucas marcas deícticas, que o narrador viveu o que nos é contado. No entanto, o teor memorialístico que pudesse haver fica escondido atrás de exposição muito acompanhada com dados objetivos. Esse é um traço das abordagens historiográficas de Hernâni Cidade: há um fio narrativo sequencial que consegue incorporar respaldo documental, mais implícita que explicitadamente, ao mesmo tempo que o narrador vai inculcando uma explicação dos acontecimentos.

Quanto a *De D. João VI aos nossos dias*, trata-se do quarto volume da *História de Portugal* da 'Ontem e hoje' — nesta coleção da Lello há livros de Rocha Martins, Aquilino Ribeiro, João de Barros e o próprio Cidade publicará *Bocage* (1936) —, sendo os outros tomos de Ângelo Ribeiro, o primeiro e o terceiro, e de Newton de Macedo, o segundo. Mantém-se a concatenação eficiente das peripécias, de que resulta o ritmo rápido, pontuado por interrogações que facilitam o entendimento da lógica dos acontecimentos, percebendo-se a intenção de acolher um público abrangente. Surgem breves alusões ao contexto da enunciação, que visarão esclarecer o leitor se não forem entendíveis como críticas irónicas à atualidade: “como hoje a Rússia soviética” serve para termo de comparação com a França de inícios do XIX, também ela “animada do prosetismo a que incitam ideais que ainda, nos embates da realidade, não esgotaram as suas virtualidades ou patentearam



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

as suas deficiências” (p. 7); a “a própria *Gazeta Nacional*” sucede o aposto “o *Diário do Govêrno* do tempo” (p. 6); Costa Cabral é equiparado a “alguns dos grandes chefes actuais de vida europeia” por ter sido “*desordeiro* até o momento em que lhe foi possível impor a sua *ordem*” (p. 58). Este Cidade da História, ou talvez o dos anos trinta, é mais realista quanto aos defeitos portugueses do que o das outras disciplinas — veja-se o registo resignado com que retrata a desorganização portuguesa aquando das Invasões Francesas ou quase todos os reis —, enquanto coincide na assunção de tipos por nação ou época — D. Miguel, por exemplo, seria “popularíssimo resumo das virtudes e defeitos do Portugal antigo” (p. 45). Cada um dos capítulos que compõem o livro — “Dissolução do Absolutismo”, “A Implantação do Regime Liberal”, “Acalmia Política”, “Implantação da República” — termina com síntese sobre “Vida cultural”, em torno de literatura e artes plásticas, onde o discurso se torna valorativo e as conclusões concordam com o que vemos mais elaborado em outros estudos do autor.

Em “Contribuição portuguesa para a mundividência de quinhentos” (*Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, XVII, 1951, pp. 45-72) reserva para Portugal a primazia nos conhecimentos de náutica que possibilitaram “o maior século da história” e justifica enquanto atos individuais a violência no contacto com os indígenas; louva a difusão cultural entre os povos nativos, “o esforço português pela chamada do bárbaro e do selvagem à nossa cultura e civilização” (p. 57); o artigo traz notas, o que não acontece em muitos trabalhos de Cidade.

O prefácio de *O Bandeirismo Paulista na Expansão Territorial do Brasil* talvez elucide acerca da maneira de trabalhar de Hernâni Cidade, entre o historiar com base no conhecimento obtido pela leitura da bibliografia e alguma investigação das fontes primárias. Explica como nascera o pequeno livro, que retoma matérias do cap. III da 6.^a parte do terceiro volume da *História da Expansão Portuguesa no Mundo*. Enquanto co-coordenador dos requintados três volumes, esperara em vão que o capítulo fosse enviado pelo historiador ilustre a quem fora encomendado. Como tivera de assumir em cima da hora essa responsabilidade, passou umas férias de Páscoa debruçado sobre a literatura que pôde haver às mãos respeitante ao bandeirismo, sobretudo a *História Geral das Bandeiras*, de Taunay. Empolgado pelo assunto, evitou ficar-se pelo que outros tinham investigado: “[meteu-se] no Arquivo Histórico do Ultramar, e por longas horas debruçado sobre velhos documentos, procur[ou] encontrar as pegadas dos infatigáveis Haswerus, ouvir os ecos dos seus alvoroços de luta e triunfo, tanto como de barbaridades e tragédias” (p. 12). Poderíamos incluir igualmente no rol da historiografia pura, isto é, sem ter como foco a literatura, algumas das páginas que escreveu para a *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*, «Séc. XVII: Aspectos gerais. A Sociedade. O Rei. O Povo» (III, pp. 115-118), que abonam a costumada erudição eclética e a redação hábil, quase em conversa com o leitor.

Dirigiu os dois volumes de *Os Grandes Portugueses*, de divulgação de luxo, em que colaboraram académicos relevantes e para que escreveu, além de introduções, oito biografias, na maioria retomando velhos conhecidos seus. De vulgarização assumida, os pequenos volumes de *Cultura Portuguesa* (1967-1977; 1 a 11, com Carlos Selvagem; 12, sozinho; 13-14, com Ruy d’Abreu Torres — os volumes seguintes, 15-17, por morte de Cidade, são assinados apenas por Torres) têm índole biográfica também, pois que a



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

aproximação a cada época resulta de monografias mínimas, geralmente em torno de reis, intelectuais, instituições, agregando o conjunto uma “súmula introdutória”. O género biográfico é-lhe simpático, como generoso é o modo como encara aqueles sobre que se debruça. Escreveu perfis de professores e colegas homenageados (Teófilo Braga, José Leite de Vasconcelos, José Maria Rodrigues, David Lopes, João da Silva Correia, Simões Neves, Luís Cardim), na maioria publicados na *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*. Na coleção ‘A Obra e o Homem’, da Arcádia, nos anos sessenta saíram de Cidade volumes de Camões, Vieira, Bocage, Antero, em parte reciclagem de trabalhos anteriores; note-se que, até pela prévia divisão expressa no título, quase não incorrem estes livros, quanto ao seu escopo de estudos literários, no pecado do biografismo. Se não o seduziu a abstração das análises estruturalistas, também raramente ancorou o comentário dos textos fora da observação da língua e do enquadramento histórico-cultural e sociológico. Algumas interpretações escudam-se, aqui e ali, na psicologia dos autores, mas nunca há a «bisbilhotice biográfica» que ele mesmo desaconselhou à camonologia.

Por vezes, a contiguidade dos interesses por história de Portugal e por literatura evidencia-se logo no tópico dos estudos, como sucede com *A literatura autonomista sob os Filipes* (1948) ou com *A literatura portuguesa e a expansão ultramarina* (vol. I: 1943; 2.^a ed., incluindo vol. II: 1963-1964). A propósito da preparação deste livro, Cintra (p. 74) revela-nos um modo de trabalhar de Hernâni Cidade: integrava os alunos nas suas investigações, encarregando-os de leituras quer nos reservados da BNL quer na biblioteca da Academia das Ciências. Quando o foco parece mais circunscrito à literatura, é frequente ainda assim a abordagem cultural e interdisciplinar. No prólogo das *Lições de Cultura Luso-brasileira...* — obra de resto com original aproximação entre literatura e artes plásticas —, Cidade assume que o *carácter*, que se manifesta num indivíduo, é observável também nas nações e nas épocas. Haveria um carácter de cada nação e um estilo para cada época; “literatos e artistas, pensadores e políticos não apenas vivem no mesmo clima moral: dir-se-ia colaboraram na mesma obra, afinaram-se na mesma polifonia” (pp. VII-VIII). A ideia de que épocas e nações se podem sintetizar em determinadas características comparece também no *Portugal Histórico-cultural*, onde os escritores escolhidos são apresentados como representantes de cada época. Por exemplo, no *Ensaio sobre a crise mental do século XVIII* (1929, esboçado logo em aulas da Faculdade de Letras do Porto; incorporado, muito refeito, nas *Lições de Cultura e Literatura...*, vol. II), defende-se que, em contraste com o formalismo seiscentista português, ao século XVIII correspondera uma “transformação moral” que implicaria o gosto do real, “uma geral tendência à aproximação da verdade e da vida”, ilustrável através da obra literária do Padre Teodoro de Almeida ou com os poemas descritivos e filosóficos do Padre Macedo. Segundo Vítor Aguiar e Silva: “Na sua concepção neo-romântica e culturalista, o Professor Hernâni Cidade entende e valora a literatura e a arte como poderosas forças de unificação e consciencialização «do sentimento da dignidade social», ganhando assim sentido a união da história e da cultura — uma união exemplarmente consubstanciada naquelas figuras literárias que são, afirma Cidade, guias espirituais da nação [...]” (*As humanidades...*, p. 112); ou, nas palavras de Jacinto do Prado Coelho: “marca em relação a Teófilo um passo em frente, pois Hernâni Cidade imprimiu aos estudos literários uma orientação nova,



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

histórico-cultural e até, actualizando-se, estético-estilística, diferenciando-se também do seu contemporâneo Fidelino de Figueiredo” ([s.t.], p. 6).

Na “Bibliografia ativa” seguinte dá-se prioridade às obras mais predominantemente historiográficas. Para a camonística, de que não se falou, veja-se Almeida, sobretudo pp. 266-268; para os trabalhos de literatura genericamente — mal se mencionaram, entre outros, os estudos e edições de Vieira —, Coelho, Cintra, Ramos, Belchior. Na *Miscelânea de estudos em honra do Prof. Hernâni Cidade*, Lisboa, 1957, há bibliografia mas só até 1957. A notícia biográfica “Hernâni Cidade (1887-1975). Director da revista *Colóquio/Letras*: 1971-1975” (*Colóquio/Letras* [em linha; consult. 13-7-2020], disponível em < URL: http://coloquio.gulbenkian.pt/historia/hernani_cidade.htm >) pode servir de guia para o muito trabalho nas *Colóquio. Revista de artes e letras* e *Colóquio/Letras*, de que foi codiretor com, respetivamente, Reynaldo dos Santos e Jacinto do Prado Coelho. O Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea, na Biblioteca Nacional de Portugal, incorporou em 1999 o espólio de Cidade, BNP Esp. E36, cujas primeiras doze primeiras caixas, com correspondência recebida de centenas de interlocutores, confirmam a atividade académica constante — pouco referimos os importantes laços com Brasil (professor honorário da Universidade da Bahia, membro da Academia de Letras da Bahia, sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras) —, as responsabilidades civis — citemos apenas a de presidente da Liga dos Combatentes da Grande Guerra —, enfim, a disponibilidade característica de Hernâni Cidade.

Bibliografia ativa: “[Literatura: o século XVI. A poesia épica]”; “O Seiscentismo. Reacção contra o seiscentismo”; “Portugal na Guerra Mundial: 1914-1918”, Damião Peres (dir. lit.), *História de Portugal*, edição monumental comemorativa do 8.º centenário da fundação da nacionalidade, 8 +1 vols., Barcelos, Portucalense, 1928, 1929, 1931, 1932, 1933, 1934, 1935, 1937, 1954; V, pp. 547-554; VI, pp. 449-492; VII, pp. 491-522; “Século XVII: I. Aspectos gerais. A Sociedade. O Rei. O Povo”; “A poesia épica”; “A poesia lírica”; “Condicionalismo político e social da literatura no séc. XIX”; “O 1.º quartel do séc. XIX”; “Século XX: I. A poesia; II. O romance; III. O conto e a crónica; a narrativa histórica; a literatura colonial e a da Grande Guerra; IV. O teatro; V. A historiografia; VI. Literatura de idéias e crítica literária”, Albino Forjaz de Sampaio (dir.), *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*, 4 vols., Lisboa, Livraria Bertrand; Porto, Livraria Fernando Machado; 1929, 1930, 1932, 1942; III, pp. 115-118; 159-172; 294-317; IV, pp. 5-11; 12-24; 323-353; *História de Portugal*, IV (*De D. João VI aos nossos dias*), Porto, Lello & Irmão, 1936; “Reacção pela defesa da fé tradicional contra a Reforma e o espírito heterodoxo europeu; a Inquisição em Portugal e no Ultramar”; “A colonização do Brasil. Os bandeirantes. Os missionários e a escravatura. As minas de ouro. D. João V e as reformas do poder central de 1736”, “Influência da Expansão Ultramarina na Literatura”, António Baião; Hernâni Cidade; Manuel Múrias, Manuel (dir.), *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, 3 vols., Lisboa, Ática, 1937, 1939, 1940; III, pp. 97-106; III, pp. 223-250; III, pp. 477-479; *O Bandeirismo Paulista na Expansão Territorial do Brasil*, [Lisboa], Empresa Nacional de Publicidade, [1954]; *Lições de Cultura Luso-brasileira. Épocas e Estilos na Literatura e nas Artes Plásticas*, Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1960; “Lembranças dum homem da sua

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

geração. Almada Negreiros há meio século”, *Colóquio. Revista de artes e letras*, Lisboa, 60, outubro de 1970, pp. 28-29; *Portugal Histórico-cultural*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1973; *Lições de Cultura e Literatura Portuguesas*, 7.ª ed., 2 vols., Coimbra, Coimbra Editora, 1984 (1.ª ed.: vol. I, 1933; vol. II, 1959); CIDADE, Hernâni (dir.), *Os Grandes Portugueses*, 2 vols., [Lisboa], Arcádia, [1959] (e autoria, no vol. I, de: “[Crepúsculo da Idade Média e Alvores do Renascimento] Introdução”, pp. 99-104; “D. Francisco de Almeida”, 253-263; “Afonso de Albuquerque”, 265-279; “Fernão Mendes Pinto”, 309-323; “Luís de Camões”, 369-388; no vol. II: “[Século XVII] Introdução”, pp. 15-19; “Padre António Vieira”, 85-101; “[Século XVIII] Introdução”, 129-132; “Manuel Maria du Bocage”, 201-212; “[Século XIX] Introdução”, 235-238; “Alexandre Herculano”, 285-294; “[Do último romântico ao nosso tempo] Introdução”, 327-329; “Antero de Quental”, 385-392).

Bibliografia passiva: ALMEIDA, Isabel, “Cidade, Hernâni (camonista)”, Vítor Aguiar e Silva (coord.), *Dicionário de Luís de Camões*, Alfragide, Caminho, 2011, pp. 263-268; CINTRA, Luís F. Lindley, “Hernâni Cidade, mestre de humanidade e de humanismo”, *Colóquio/Letras*, Lisboa, 83, janeiro de 1985, pp. 71-74; COELHO, Jacinto do Prado, [s.t.], *Colóquio/Letras*, Lisboa, 23, janeiro de 1975, pp. 5-6; GAMEIRO, Fernando Luís, “Cidade, Hernâni António (1887-1975)”, Maria Fernanda Rollo (coord.), *Dicionário de História da República e do Republicanismo*, Lisboa, Assembleia da República, 2013, vol. 1, pp. 672-675; MOURA, Helena Cidade, “Hernâni Cidade”, *Figuras da Cultura Portuguesa* [em linha; consult. 14-7-2020], disponível em < URL: <http://cvc.instituto-camoes.pt/figuras/hcidade.html> >; NEMÉSIO, Vitorino, “Perfil de Hernâni Cidade”, *Miscelânea de estudos em honra do Prof. Hernâni Cidade*, Lisboa, Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1957, pp. IX-XIX; PRISTA, Luís, “O ensino linguístico e de literatura”, António Nóvoa (dir.), *A Universidade de Lisboa nos Séculos XIX e XX, vol. II* (coordenação de Sérgio Campos Matos e Jorge Ramos do Ó), Lisboa, Tinta-da-China, 2013, pp. 982-1085; RAMOS, Emanuel Paulo, “Testemunho e perfil no centenário dum mestre. Hernâni Cidade”, *Colóquio/Letras*, Lisboa, 100, Lisboa, novembro de 1987, pp. 117-122; [SALEMA, Álvaro; BERARDINELLI, Cleonice; MOSER, Gerald; COELHO, Jacinto do Prado; MARINHO, José; BELCHIOR, Maria de Lourdes; TORGA, Miguel; CINATTI, Ruy], “Homenagem a Hernâni Cidade”, *Colóquio/Letras*, Lisboa, 24, março de 1975, pp. 5-14; SILVA, Vítor Aguiar e, *As humanidades, os estudos culturais, o ensino da literatura e a política da língua portuguesa*, Coimbra, Almedina, 2010.

Luís Prista